

## ENTREVISTA

### A GUERRA EM SURDINA DE BORIS SCHNAIDERMAN Uma entrevista e algumas interferências

Antonio Pedro Tota\*  
César Campinani Maximiano\*\*  
Adriano Marangoni\*\*\*

*Boris Schnaiderman, ucraniano de nascimento e brasileiro por adotar a nacionalidade, é bastante conhecido no meio acadêmico e literário pelas primorosas traduções de Tostoi, Dostoievski, entre outros da literatura russa, e responsável pela criação do curso de Língua e Literatura Russa da Universidade de São Paulo (USP). Boris nasceu na Ucrânia no mesmo ano em que eclodiu a Revolução Russa. Mas há um lado do professor Boris Schnaiderman que não é tão conhecido como sua produção acadêmico-literária. Ele foi um soldado que lutou nos campos de batalha europeus durante a Segunda Guerra Mundial e registrou experiência de combatente num livro ficcional chamado Guerra em surdina, que teve várias edições, a última pela editora Cosac & Naify.*

*Boris Schnaiderman* – Eu vim ao Brasil com 8 anos, em 1925. Meus pais saíram legalmente da União Soviética – naquele tempo isso era muito difícil, mas houve um curto período em que se conseguia. Nós viemos com passaporte soviético. Ficamos primeiro no Rio de Janeiro e, depois de alguns meses, viemos para São Paulo. Meu pai era comerciante e, por isso, não se dava bem com o sistema, o que é natural. Porém, no período da nova política econômica (NEP), ele se virou bem, tanto é que lá vivemos muito bem. Vivíamos até em condições privilegiadas, pode-se dizer. Lembro-me, por exemplo, da fome na Rússia, mas também me lembro que, em casa, passávamos bem.

Na Ucrânia, morávamos em Odessa, que apesar de ucraniana é uma cidade tipicamente russa. Pelo menos era assim, naquela época. Não sei como é hoje. Eu ouvia ucraniano na

rua, mas ucraniano, para mim, era algo completamente estranho. Viemos para cá. Os primeiros anos foram difíceis, pois tínhamos grandes dificuldades financeiras. Estudei no Mackenzie. Quando eu tinha 17 anos, meu pai resolveu mudar-se de novo para o Rio de Janeiro. Por certa imposição de meus pais, eu fiz o curso de Agronomia. Eu não queria estudar agronomia, mas, naquela época as famílias faziam questão que os filhos – como eram de famílias de emigrados – tivessem uma ocupação que se considerasse e fosse viável. Porque, por exemplo, fazer faculdade de filosofia era considerado “perfumaria”.

Formei-me Engenheiro Agrônomo em 1940. Para registrar o diploma, deveria me naturalizar e fazer o serviço militar. Foi difícil essa naturalização porque tínhamos poucos recursos. Então, eu mesmo fiquei andando por repartições para cuidar disso. A minha naturalização saiu e eu precisava ainda fazer o serviço militar. Eu queria ir para a guerra, e não fui como voluntário, fui convocado. Mas eu queria ir para a guerra de qualquer maneira e fiz tudo para isso acontecer porque eu poderia fazer linha de tiro. Lá em casa não se entendia muito essa diferença, então eu me alistei no exército. Alistei-me diretamente no exército porque ali eu sabia que iria para a guerra. Quando era para preencher os formulários, uma vez por ano, no dia dos reservistas, todos os reservistas tinham que comparecer e preencher esses formulários. Então, perguntava-se: “Que língua você conhece?”. Eu afirmava que sabia inglês, francês, ou seja, sabia de tudo. “Sabe datilografia?”. “Sei, eu sou um bom datilógrafo”. Que nada, eu parecia que catava milho...

Eu arranhava um pouquinho o inglês e o francês. Então, fui convocado. Fiz o serviço militar no exército e morava em Copacabana. Meu quartel era em Campinhos, perto de Cascadura. Levantava de madrugada, às 4hs da manhã, e entrava no quartel às 7hs. Lá eu fiz o curso de sargento. Era evidente que eu seria convocado. Fui convocado quase às vésperas do embarque para me incorporar à FEB.

*As condições históricas levaram Boris Schnaiderman e cerca de outros 15 mil combatentes a enfrentarem os nazistas nos campos de batalha da Itália. O total do contingente da FEB era de cerca de 25 mil soldados e 67 enfermeiras.*

*Quem passa pelo aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, pode admirar o monumento aos pracinhas, onde estão os restos mortais dos que tombaram nos combates. Esses soldados haviam participado da Força Expedicionária Brasileira, que lutou na Itália em 1944 e 1945. Os soldados brasileiros mortos na guerra haviam sido enterrados no cemitério de Pistóia, na Itália, mas foram trasladados em 1960 para o atual sítio.*

*A FEB, Força Expedicionária Brasileira, era um corpo do exército brasileiro que lutou ao lado do exército americano na Segunda Guerra Mundial contra as forças alemãs. A FEB foi criada num complicado contexto diplomático, político e militar na*

primeira metade da década de 1940. Essa situação envolveu o Brasil e os Estados Unidos em difíceis negociações tendo como pano de fundo a guerra que se desenrolava na Europa e no Pacífico.

*Quando os exércitos nazistas invadiram a Polônia, no início de setembro de 1939, e a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha, todos sabiam que havia começado a Segunda Guerra Mundial. Em especial os Estados Unidos de Roosevelt. Na verdade, desde antes da guerra, Roosevelt estava preocupado com a segurança do continente Americano. Sabia que a rápida recuperação da Alemanha acabara atraindo a simpatia de alguns governos latino-americanos. E os Estados Unidos olhavam com crescente preocupação o aumento da influência da Alemanha em países como o Brasil, por exemplo. Aqui a situação parecia mais grave aos olhos dos policy makers americanos, pois a população brasileira contava com significativa porcentagem de imigrantes vindos dos países do Eixo. Eram os italianos localizados em São Paulo, os alemães no sul e os japoneses espalhados pelo campo, principalmente do estado de São Paulo. Esses grupos representavam uma boa parcela da população brasileira que poderia ser “usada” pelo Eixo. E, como se não bastasse, a imprensa americana taxou de fascista o Estado Novo instaurado em novembro de 1937 pelo exército e por Getúlio Vargas.*

*As relações comerciais entre o Eixo e o Brasil também eram outra fonte de preocupação dos americanos. Os alemães e italianos ofereciam uma política de compensações, ao invés da utilização de marcos e liras na compra de armamentos. Um exemplo foi o acordo entre o Brasil e a Itália, de compra de submarinos italianos em 1936-38, pagos com algodão e outros produtos brasileiros. O mesmo estava acontecendo com armamentos alemães que o exército brasileiro estava comprando. Os Estados Unidos não podiam permitir que o Brasil se transformasse num mercado exclusivo dos alemães e italianos.*

*A modernização do Brasil, que vinha sendo posta em prática desde a Revolução de 1930, poderia ser reforçada nessa conjuntura. O governo Vargas soube tirar proveito dessa situação e iniciou negociações com os Estados Unidos buscando auxílio para a implantação de indústria de base, em especial a siderurgia. O governo dos Estados Unidos estava interessado em bases navais e aéreas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil para proteger o flanco sul do continente americano. Por essa razão, setores do governo estavam inclinados a negociar com o governo brasileiro. No entanto, os chefes militares dos Estados Unidos achavam a via diplomática muito demorada e elaboraram um plano de invasão da região Nordeste do Brasil.*

*Qual era a importância estratégica do Nordeste brasileiro? Desde 1939, o exército americano e os marines estavam preocupados com a costa do Atlântico sul. Natal, por exemplo, fica a cerca de 1.750 milhas marítimas da costa da África, o que, no cálculo dos*

estrategistas norte-americanos, poderia ser facilmente atravessado por um força européia inimiga, ou seja, a Alemanha hitlerista. Ou, em caso da entrada dos Estados Unidos na guerra, Natal poderia servir de “trampolim” para os aviões que levariam tropas e provisões para a África e dali para a Europa. O plano de invasão foi feito paralelamente às negociações diplomáticas. No começo de 1941, a Marinha, o corpo de marines e o Exército uniram seus estrategistas e apresentaram um projeto para uma ação conjunta das três forças, com auxílio da aviação. A operação geral recebeu o nome de *Joint Basic Plan for the Occupation of Northeast of Brazil*. O plano de “assalto pelo mar” foi batizado de *Rubber Plan*. Salvador, Recife, Belém do Pará e a ilha de Fernando de Noronha eram os alvos. Mas Natal e o aeroporto de Parnamirin eram as prioridades.

Em poucas palavras, os planejadores consideravam imprescindível e vital o controle do Nordeste brasileiro na expectativa de uma guerra global. O que realmente aconteceu em dezembro de 1941, quando o Japão atacou a base americana de Pearl Harbor no Havaí e a Alemanha e a Itália declararam guerra aos Estados Unidos. O Brasil deveria aliar-se aos EUA pela via diplomática ou, se necessário, forçando-o.

A entrada dos Estados Unidos na guerra foi seguida pela reunião de todos os países americanos no Rio de Janeiro, no começo do ano de 1942. Nessa reunião, encabeçada pelos Estados Unidos, firmou-se o compromisso de que todos os países do continente americano romperiam relações diplomáticas com os países do Eixo, ou seja, a Alemanha, a Itália e o Japão. Com exceção da Argentina e do Chile, todos honraram o acordo. O rompimento de relações diplomáticas com o Eixo reforçou o caminho diplomático. Mesmo os militares americanos acabaram aceitando a ação diplomática como forma de resolver o problema. Por isso, eles pediram ao Departamento de Estado que atuasse junto ao presidente Vargas no sentido de obter uma autorização para o desembarque de tropas na região de Natal. Depois de demoradas negociações, o Brasil concordou, com a condição de ajuda material para as nossas forças armadas e suporte para a construção de uma usina siderúrgica. Alguns setores americanos relutavam em aceitar as exigências dos brasileiros, por duas razões: em primeiro lugar, os comandantes americanos achavam que armas não eram suficientes para garantir a segurança dos aeroportos contra as organizações de quinta-colunas existentes ou uma provável invasão alemã e, por isso mesmo, eles não acreditavam que haveria tempo de o Brasil pedir ajuda das forças americanas; em segundo lugar, e politicamente mais grave, os americanos temiam que os brasileiros pudessem usar as armas contra eles.

Se o Brasil era visto com desconfiança por alguns generais americanos e o próprio secretário de Estado Cordell Hull, o mesmo não acontecia com o embaixador Jefferson Caffery, que aconselhava ao presidente Roosevelt oferecer assistência às necessidades

brasileiras. Além disso, o olhar do Alto Comando americano voltava-se para o teatro de operações europeu, mais do que o Pacífico Sul, pois essa era estratégia prioritária concertada pelos aliados, ou seja, combater a Alemanha em duas frentes. Atacar o norte da África, dominar o Mediterrâneo e atrair as forças alemãs na Itália, Grécia e Balcãs para o sul europeu, seria, de forma indireta, uma maneira de desviar a atenção das operações para abrir uma frente no norte da Europa (Normandia). Essa estratégia tinha como objetivo impedir que as experientes divisões nazistas na região mediterrânea fossem deslocadas para a defesa das linhas francesas, belgas e alemãs.

Mas os brasileiros queriam mais. Ou seja, aproveitar a oportunidade da conjuntura da guerra e construir um país moderno. No cálculo do governo brasileiro, se, durante o conflito, o país exercia o papel de fornecedor de matérias-primas e bases para o esforço de guerra dos americanos, não via como reverter essa situação de “quase colônia” senão participando diretamente dos combates. Só assim, pensava o governo brasileiro, nós poderíamos, depois da guerra, ser vistos como um país adulto, moderno e reconhecido como potência regional.

Essa idéia ganhou força depois que submarinos alemães começaram a afundar navios brasileiros, já em fevereiro de 1942. Cerca de 750 brasileiros morreram em 7 meses de ataques a 19 de nossos navios. Entre outubro e novembro, vários militares e o próprio ministro do exterior, Oswaldo Aranha, amadureciam a idéia de uma participação efetiva do Brasil na guerra. A idéia acaba ganhando apoio do general Góes Monteiro, chefe do Estado Maior das Forças Armadas e do general Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra. Os jornais começaram a apoiar fortemente a idéia de enviarmos soldados para combater os regimes totalitários na Europa.

Com as bases de Natal prontas, o “Trampolim da Vitória”, como ficou conhecido o conjunto de aeroportos e bases navais da capital potiguar, já estava enviando soldados, navios e aviões para desembarcar no norte da África. Para os brasileiros essa operação era como uma primeira chance de sua participação no conflito. Manifestações de rua exigiam a entrada do Brasil na guerra.

*Boris Schnaiderman* – Houve todo aquele movimento dos estudantes de pedir a guerra, quebra-quebra de lojas de alemães, italianos e japoneses. Confronto horrível. Previa-se claramente que iríamos para a guerra, principalmente com o afundamento de navios e todas aquelas coisas. Agora, eu tive uma grande surpresa com o ambiente que encontrei no quartel, porque eu estava iludido com todo aquele movimento, ou seja, os estudantes pedindo guerra nas avenidas. Porém, aquilo não alcançou o povo, o povo simples. A maioria da população brasileira, que apoiava Getúlio Vargas, achava que não tínhamos

nada com a briga, acreditava que isso era obra do Osvaldo Aranha. O grande inimigo era o Osvaldo, considerado americanófilo, e não o alemão. A minha experiência era a de que, entre o povo simples, havia isso: um grande sentimento antiamericano. Então, depois que fui convocado e embarquei, tive uma evidência ainda maior disso. Nós, os que tínhamos convicção de ir à guerra, éramos bem poucos, porque, daqueles estudantes que foram às ruas pedir pela guerra, poucos embarcaram, muito poucos. Aliás, isso o César mostra muito bem em sua tese. Foram muitos candidatos, mas poucos foram à guerra.

*Trincheiras da Memória – brasileiros na campanha da Itália, 1944-1945. Tese defendida por César Campinani Maximiano, na Universidade de São Paulo em 2004.*

*“As diferenças de vieses existentes na reprodução de experiências de guerra pelos mais diversos meios – diários, poesias, entrevistas, livros – só existem a partir do tipo de experiência que os participantes enfrentaram no campo de batalha, e não em função de sua natureza documental. Tal experiência foi vivenciada em diversos níveis e aspectos. Mesmo os oficiais combatentes experimentaram a guerra sob um ponto de vista diferente dos soldados aos quais se incumbia o trabalho árduo.... Alguns capitães de infantaria da FEB expunham-se aos mesmos riscos que seus homens e chegaram a tomar parte em assaltos a posições inimigas, outros permaneceram abrigados nos postos de comando pelo decorrer da guerra, o que foi afirmado tanto por soldados rasos como pelo comandante de Infantaria Divisionária, general Zenóbio da Costa.”*

*Boris Schnaiderman – Nós, que fomos para frente de batalha, éramos bastante aproveitados em serviços como, por exemplo, cálculo de tiro. Eu fui calculador de tiro. Como calculador de tiro, eu me vi com uma tarefa para a qual não estava nem um pouco preparado; nem de longe, porque, quando eu tinha feito o curso de sargento, todo o nosso treinamento, todo o ensinamento que recebíamos era de acordo com as normas do exército francês. Então, quem calculava o tiro era o capitão, comandante da bateria de tiro, auxiliado por um tenente. Os sargentos tinham funções imediatas como, por exemplo, comandar uma peça de tiro, ou seja, um canhão. No Brasil, durante a fase de treinamento, aprendemos a desmontar um canhão com rapidez e, normalmente, tornávamos a montá-lo. Mas quando fomos convocados, isto é, quando fomos para a Itália, a realidade era outra. Recebemos um armamento completamente diferente do que havíamos visto no Brasil. Não era desmontável e nem ia em lombo de cavalo, como nos campos de treinamento brasileiros. Os canhões eram puxados por grandes caminhões, chamados de tratores, e o cálculo de tiro não ficava sob a responsabilidade do capitão. Aliás, perdão, ficava sob a responsabilidade do capitão, mas ele não executava os cálculos, que eram executados por sargentos e cabos, que faziam seus*

cálculos com o uso de réguas específicas. Agora, eu não usava régua de cálculo, porque era controlador vertical... isto é, calculava o deslocamento do tubo-alma, que era o tubo do canhão, na vertical. Eu ficava calculando e fazendo o meu trabalho com a carta da região, onde estavam marcadas as curvas de nível. Fazia os cálculos baseado nas curvas de nível do mapa da região. Era este o meu trabalho. Porém, quando chegamos à Itália, ficamos inativos por muito tempo.

Eu fazia parte do primeiro escalão. Nós saímos do Rio de Janeiro em 2 de julho de 1944 e chegamos a Nápoles em 16 de julho. Não sabíamos para onde íamos. Somente na véspera é que tivemos a notícia de que íamos tomar um navio e iniciamos uma viagem muito atribulada. Não foi brincadeira não. Mais de cinco mil homens no navio, recebendo uma alimentação com a qual eles não estavam acostumados. Muitos se alimentavam somente de maçãs, porque em toda refeição havia distribuição dessa fruta. Então, havia gente que só comia maçã porque não conseguia comer outra coisa, ficava enjoada com o balanço do navio.

*6:30 da manhã de julho de 1944: o navio americano General Mann partia do porto do Rio de Janeiro. Eis como o comandante da FEB, General Mascarenhas de Moraes, descreveu a partida: “Do corcovado, circundado de bruma, emergia o Cristo Redentor, fitando seus fiéis que para outras terras partiam com o objetivo de, ombro a ombro com seus aliados, defenderem o rico patrimônio da civilização cristã”. No dizer de Frank McCann, esta era a segunda vez que soldados do Brasil atravessavam o Atlântico com objetivos militares. A primeira havia sido em 1648, na luta contra os holandeses em Angola, na África*

*O General Mann fez a viagem sob forte escolta: destróieres brasileiros, vários navios de guerra da marinha americana, em especial os cruzadores. O próprio navio estava armado de pesados canhões.*

*Depois do primeiro escalão seguiram outros. No dia 3 de outubro, o mesmo navio que havia levado o grupo de soldados em que se achava o sargento Boris Schnaidernan entrou no Mediterrâneo e, três dias depois, os soldados podiam ver, no horizonte, um fio de fumaça saído de um monte. Era o famoso vulcão Vesúvio. A maioria dos brasileiros que estava no navio jamais tinha visto um vulcão. Na verdade, a maioria jamais tinha viajado de navio ou saído do Brasil.*

*Na manhã de 6 de outubro, o grande navio americano de transporte de tropas General Mann atracou no porto de Nápoles. Os soldados estavam ansiosos para deixar a embarcação, depois de mais de 15 dias no mar, mas a ordem para desembarcar não vinha. No dia seguinte, começaram a atracar nas proximidades muitas embarcações de*

*pequeno porte. Os americanos chamavam essas embarcações de Landing Craft Infantry ou LCI. Somente na noite de 9 de outubro grandes colunas de soldados começaram a ser acomodadas nos pequenos navios que partiram para o norte. Embora a maioria não soubesse, o destino era Livorno, situada pouco menos de 20 horas de viagem de Nápoles. Foram quase dois dias de um verdadeiro inferno para os soldados. Soldados, oficiais, cabos, sargentos, todos, ou quase todos, sem distinção de origem social ou hierárquica se igualavam nos enjôos que sentiam com os navios balançando violentamente no mar bastante revolto no começo do outono europeu. As embarcações mergulhavam a proa nas ondas e os marinheiros americanos pareciam não se importar com todo aquele movimento, enquanto os soldados brasileiros vomitavam toda a ração enlatada que tentavam comer. Raul da Cruz Lima Júnior, então capitão da 2ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia de Combate dá uma idéia de quão “incômoda” foi essa pequena viagem: “Após a primeira inspeção, constatamos que a situação era muito mais séria: a tropa inteira punha os ‘bofes para fora’. No meio de cada compartimento, que era o menor possível, havia um enorme camburão e, às suas bordas, agarravam-se, em várias colunas, os pobres enjoados, que tinham que fazer um esforço enorme, contendo-se para não sujar o companheiro da frente que estava na vez de ‘jogar a carga no mar’. À noite, com o navio fechado por causa do black out, o ambiente tornou-se insuportável até mesmo para a guarnição do navio que tinha participado do desembarque no sul da França”.*

*Os soldados só se acalmaram quando as LCI, rebatizadas pelos brasileiros de Lança a Comida Inteira, atracaram na cidade portuária de Livorno, completamente destruída pelos alemães, e puseram os pés em terra na madrugada do dia 12, dia da América. Assim foi o desembarque do 2º escalão da FEB, a Força Expedicionária Brasileira, no cenário da guerra européia.*

*Boris Schnaiderman – Não conseguíamos nos acostumar com aquela comida. A maioria sentia falta do feijão e do arroz. Era uma situação muito difícil. Em alto mar, todos os dias fazíamos exercícios de salvamento. Aliás, avisavam: “Postos de combate”. Nós tínhamos que nos dirigir para o local designado para o embarque nos barcos de salvamento. Na verdade, quando se dava o sinal “Postos de combate” poderia ser exercício ou realidade. Vivíamos uma situação constantemente tensa. Tensão aumentada quando víamos os aviões voando sempre por cima do navio. Depois que atravessamos o estreito de Gibraltar, o navio passou a navegar em ziguezague porque, no caso de ataque de um submarino, seria mais difícil navegando em ziguezague e acompanhando o litoral. Íamos próximo do litoral de Marrocos e da Argélia. Foi, enfim, uma situação muito difícil, muito tensa, principalmente*

porque havia muita gente vomitando. Até que chegamos a Nápoles. Chegando lá, tomamos o trem e depois ainda caminhamos a pé até a cratera de um vulcão extinto – aí nós ficamos em uma cidade próxima de Nápoles. Ficamos lá por um tempão.

E lá ficamos esperando pelas armas, que não chegavam. Não fazíamos nada, nada. Ficávamos completamente inativos. De repente, o comando decidia que tinha que fazer a ronda noturna. Sem armas, sem nada, o indivíduo ficava caminhando sozinho entre as barracas. Aquelas barracas todas iguais proporcionavam uma dificuldade até para se achar o seu próprio abrigo.

Acredito que talvez tenha sido um erro o Exército Brasileiro não ter levado os canhões de treinamento que usáramos aqui no Brasil. Porque, naquele tipo de guerra que fazíamos nas montanhas, aqueles canhões seriam muito úteis. Até os inimigos usavam aquele mesmo tipo de canhão, que era o 75, o canhão do tipo do exército francês da Primeira Guerra Mundial. Passamos um bom tempo lá. Acho que ficamos mais de duas semanas na cratera do vulcão, praticamente sem fazer nada. Depois fomos deslocados para o norte de Roma. Fomos de caminhão, com os negros americanos – a divisão negra americana é que fez o nosso transporte. Fomos transportados até um lugar que ficava 90 quilômetros ao norte de Roma, em Tarquínia, que é um dos pontos centrais da região dos antigos etruscos.

Ficamos novamente umas duas semanas. Somente ao final de nossa estadia é que recebemos armamentos. Eu fiquei completamente perplexo, porque aqueles mesmos soldados que falavam mal da guerra e não queriam ir para o campo de batalha ficavam loucos de alegria quando chegaram as armas, porque acabava com aquela inatividade forçada; aquilo era uma coisa horrível... Não se sabia o que se estava fazendo ali. Então, recebemos o armamento e já nos deslocamos para Vada, perto de Pisa. Aqui já se estava mais perto da linha de frente, pois se ouvia o canhoneio e já se sentia a proximidade dos combates. Lá houve alguns exercícios com os próprios americanos que ficavam acantonados ao lado do nosso acampamento e tivemos umas poucas aulas de instrução, dadas por um capitão nosso, mas, pelo que se percebeu, ele não acreditava muito que sargentos e cabos pudessem calcular tiros. Porém, aprendemos mesmo somente em ação. Tudo havia sido modificado em relação ao treinamento que tivemos aqui.

Foi tudo modificado. O que não se modificava era a bela burocracia do exército, na qual ficava um soldado registrando sempre o que eles chamavam de “folhas de alteração”, averiguando se o indivíduo bebeu ou não bebeu, se chegou bêbado ou não no quartel. Se houvesse a comprovação dessa conduta, o exército já entrava em ação. Havia, num certo sentido, mais preocupação com a parte burocrática do que com o treinamento.

Ou melhor, ainda, havia a preocupação burocrática e disciplinar. Por exemplo, cada unidade tinha o que se chamava de *galinheiro*, que era um cercado onde ficavam os soldados que transgrediam os regulamentos. Por menor que fosse a falta, como, por exemplo, sair sem licença, lá ia o transgressor para o *galinheiro*.

A comparação que você faz com o exército americano demonstra que, lá, era muito diferente. Lá havia mais comunicação e camaradagem entre oficial e subalterno. Falo da minha experiência pessoal, que foi na artilharia. Na infantaria, era diferente. Inclusive, numa ocasião, fui destacado para uma unidade de infantaria e percebi que, lá, o tipo de relacionamento era diferente. Porém, o nosso relacionamento com os oficiais era muito diferente daquele que víamos no exército americano. Neste a gente via uma camaradagem maior que no exército brasileiro. Pelo que eu li, inclusive na tese do César, no exército americano a grande diferença era que, lá, o grande número de convocados era muito maior que o número de soldados que entrava nas fileiras. A proporção de civis era muito maior. Isso acarretou uma diferença muito grande no exército americano. Eu li isso em mais de uma fonte, inclusive na tese do César.

Uma diferença marcante, que vale mencionar, era a relação entre brancos e negros. Lembro-me que eu conversava com os americanos e eles afirmavam que nós convivíamos melhor com as diferentes raças. E, muitas vezes, eles diziam que nós estávamos com a razão, mas que, para eles, negro não é gente. Sobre a divisão negra americana, a 92<sup>a</sup>, eles afirmavam que os negros não eram soldados, que iriam apanhar dos alemães, o que seria uma tristeza.

Era uma coisa muito entranhada. Lembro-me que me dava muito bem com os sargentos americanos, que eram pessoas ótimas no trato cotidiano, mas, quando se chegava nessa questão de relação com outras raças, eram horríveis.

*O que, no jargão militar, é conhecido por “batismo de fogo”, isto é, o primeiro contato com o fogo inimigo, foi experimentado de diferentes maneiras pelos soldados brasileiros.*

*Logo de início, a FEB foi enviada para combater em um setor montanhoso, ao norte da cidade de Pisa. A guerra em montanhas exigia muita resistência física da parte dos soldados: em primeiro lugar, todo combatente carregava consigo uma carga pesada de suprimentos de todos os tipos, que deveria ser levada montanha acima nas operações de guerra. Uma vez que os inimigos, alemães e fascistas, que defendiam a República Social Italiana (instituída na cidade de Saló após a rendição do Exército Real Italiano aos Aliados em 1943), encontravam-se entrincheirados em bem construídos abrigos subterrâneos localizados próximos às cristas das montanhas que a FEB deveria conquistar, a tarefa de atacar era muito mais difícil do que a de defender.*

*Um grupo de soldados alemães instalados no cume de uma elevação conseguia avistar uma tropa atacante, avançando em campo aberto, com muita antecedência. Os soldados Aliados eram alvos fáceis para as potentes armas que os alemães e italianos utilizavam para a defesa das elevações. As metralhadoras alemãs podiam, literalmente, cortar um corpo humano ou uma árvore ao meio, devido a sua alta cadência de fogo. Além das armas automáticas, os Aliados sofriam muito com o fogo dos morteiros, que disparavam granadas de alto teor explosivo em trajetória curva, podendo atingir grupos de soldados abrigados no terreno.*

*O principal fator de letalidade na Campanha da Itália foram, em primeiro lugar, as granadas de artilharia, e depois das granadas as mais mortíferas armas foram as metralhadoras. Se tais armas não matassem os soldados, elas causavam terríveis ferimentos dilacerantes, que, comumente, podiam desfigurar ou mutilar um homem para o resto de sua vida.*

*Boris Schnaiderman – No “batismo de fogo” foi muito estranho, porque foi muito de exibição. Os primeiros tiros dados por nossa artilharia foram calculados por mim. Em um determinado momento, nós vimos a infantaria passar por nós e avançar em fila indiana, já preparada para o combate, e demos o nosso primeiro tiro. Porém, era tudo uma coisa de ostentação, porque era um setor em que o alemão estava em retirada. Não se pode dizer que, nesse primeiro momento, os nossos homens não tinham encontrado resistência, porque aconteceram tais resistências, mas era um setor relativamente fácil, em comparação com o que enfrentamos depois. Não sei se aqueles tiros eram necessários. Fiz todos os cálculos, e a coisa funcionou muito bem. Recordo-me que aquele tiro chamou a atenção de muitos e logo encheu de gente. Vieram inclusive alguns oficiais americanos. Lembro-me que chegou o Rubem Braga, correspondente; lembro-me dele distante, agachado, meio encolhido num cantinho.*

*De qualquer forma, do meu ponto de vista, os primeiros tiros da nossa artilharia foram uma coisa de muita ostentação. Não foi exatamente uma ação de combate. A infantaria sim, pois já começou enfrentando suas dificuldades. Nós éramos chamados de “saco-B”. Os infantas caçoavam de nós, porque ficávamos um pouquinho atrás, sem enfrentar o mesmo perigo que eles. Chamavam-nos de “saco B” porque cada soldado e oficial recebia um “saco A”, com os objetos de uso imediato, e “saco B”, com aqueles que poderiam ser usados mais tarde e que ficavam em um depósito. Por isso, éramos chamados de “saco B”. Era muito pejorativo.*

*Em fins de novembro de 1944, os brasileiros foram incumbidos, pelo comando americano, de atacar uma região conhecida como Monte Castelo. Ladeado por outras elevações de importância tática, o Castelo e todo o sistema defensivo alemão naquele setor dominavam completamente a chamada Rota 64. Qualquer viatura Aliada que tentasse passar pela estrada seria atingida por bem regulados disparos da artilharia inimiga postada imediatamente atrás dos postos de observação do inimigo, que vigiava os movimentos de brasileiros, britânicos e americanos, centenas de metros abaixo.*

*Os primeiros ataques brasileiros ao Monte Castello, realizados nos dias 24, 25 e 26 de novembro foram detidos pouco acima do sopé da elevação. Carros blindados armados de potentes canhões de 88 milímetros, situados nas cristas das montanhas em mãos do inimigo, realizaram disparos diretos contra a tropa da FEB. Um dos pelotões da infantaria brasileira, comandado pelo 2º tenente Gérson Machado Pires, perdeu três soldados, imediatamente mortos por um único disparo partido dos blindados alemães. Segundo Gérson, o primeiro tiro “esfacelou os três soldados”. O número de feridos foi grande, e Monte Castello começou a criar sua sinistra fama entre os expedicionários.*

*Os ataques de novembro foram realizados em estreita cooperação com a Task Force 45 – um grupamento americano improvisado, composto de guerrilheiros irregulares italianos, elementos da 92ª Divisão de Infantaria (a “Divisão Búfalo”) e artilheiros antiaéreos transformados em infantes.*

*Em 12 de dezembro e novamente em 29 de dezembro de 1944, os ataques ao Monte Castelo foram repetidos, nessas ocasiões, sob exclusivo planejamento brasileiro. Embora os comandantes da FEB estivessem confiantes, os soldados, mais próximos do cenário de luta e conhecedores da eficácia do sistema defensivo alemão, mostravam-se apreensivos a respeito do sucesso das próximas operações.*

*Os regimentos utilizados para os últimos ataques ao Castelo, empreendidos em 1944, foram justamente o 1º RI, da então Capital Federal do Rio de Janeiro, e os mineiros do 11º RI. Estas duas unidades não puderam dispor do engajamento progressivo em combates, como ocorrera com o regimento paulista, o 6º RI, que fora colocado aos poucos na linha de frente. Isso havia possibilitado que os homens integrados ao regimento de Caçapava fossem se acostumando a lutar em pequenos entreveros contra unidades inimigas, também de pouco valor numérico, acostumando-os aos poucos à rudeza do front.*

*As companhias de fuzileiros do 1º e 11º Regimentos de Infantaria foram praticamente jogadas à frente do que muitos veteranos viriam a chamar de “caldeirão infernal de*

*Monte Castelo". 90% dos soldados que pertenciam à unidade alemã que guarnecia a elevação, a 232ª Divisão de Infantaria, eram veteranos da frente russa, acostumados a matar inimigos em combates encarniçados.*

*O resultado desses ataques foi catastrófico. Centenas de corpos de brasileiros juntaram as encostas do Monte Castelo e adjacências. Na vila de Abetaia, situada na porção ocidental do sopé do morro, um único metralhador alemão matou um grupo de 17 soldados brasileiros pelas costas, que avançaram sem perceber a posição inimiga escondida. Vários soldados desapareceram completamente, ao serem atingidos por explosões que desintegraram seus corpos. Outros permaneceram feridos, abandonados na terra de ninguém, por cerca de uma semana, tendo a sorte incrível de ainda serem resgatados com vida.*

*Boris Schnaiderman – Nós começamos a enfrentar dificuldades quando fomos sendo transferidos de um setor para outro. Das proximidades do litoral, fomos sendo transferidos cada vez mais para o interior da Itália. Nós, da artilharia, nem tanto, mas a infantaria já enfrentou uma grande dificuldade, pois ali a coisa já estava mais difícil. Depois fomos transferidos para o setor do Monte Castelo. Lá já foi guerra de verdade. Nós, da artilharia, antes disso, não tínhamos ainda enfrentado uma situação real de guerra. No setor de Monte Castelo, ali sim foi muito difícil. Foi em frente a Bolonha, naquelas montanhas maciças.*

*Os soldados que chegaram ao 2º escalão tiveram uma experiência mais dura ainda, porque eles entraram logo no setor difícil. Nós não. Fomos passando de um setor mais fácil para um mais difícil.*

*Depois, eles chegaram lá, se não me engano, mais ou menos em outubro de 1944, isto é, já em pleno outono. Eles saíram do Rio de Janeiro em outubro, com o calor carioca, e para chegar em outubro, pegando já a pior parte do outono.*

*A temperatura começou a baixar rapidamente. O equipamento que levamos do Brasil era muito insuficiente. Mas acabamos recebendo ótimo equipamento adequado do 5º exército americano. Quanto a isso, não podemos nos queixar, porque o equipamento era o mesmo do exército americano. Claro que, depois eu soube, o Brasil pagou todo esse material, inclusive aumentou a nossa dívida externa. Nós fomos vendidos por dólares e colocávamos toda a culpa no Osvaldo Aranha.*

*Do diário de João Afonso, personagem do livro Guerra em Surdina*

*A um canto do acampamento, afixava-se diariamente um noticiário muito sucinto dos principais acontecimentos, que passavam o mais das vezes despercebidos. Fiquei comovido com a notícia da libertação de Paris, comentei-a com Alípio e poucos mais. Constatei, porém, que a repercussão foi muito pequena entre a tropa.*

*Para minha surpresa, uma notícia que me deixara mais ou menos indiferente fez sensação entre os soldados: Oswaldo Aranha demitira-se do cargo de ministro das Relações Exteriores. Agora sim, dizia-se, a coisa vai melhorar. O velho vai chamar a gente de volta. Quem nos mandou para cá foi o homem dos americanos, que nos vendeu por uma garrafa de uísque. Agora sim, a guerra vai acabar para nós. Não é à toa que a gente está no estrangeiro faz tempo, e nada de entrar no fogo. Não vê que nem nos ensinaram a atirar direito, todo esse tempo? O velho ficou nos poupando, não deixou que nos pusessem na frigideira de uma vez. Agora, o jeito é arrumar o saco que a coisa não demora. Já deve ter navio brasileiro esperando a gente num porto por aí.*

*Boris Schnaiderman – O soldado brasileiro teve uma atuação surpreendente na guerra. Comportou-se muito bem. Para mim foi uma surpresa, porque eu esperava um desastre.*

*Eu acho que o brasileiro, enquanto soldado, levava uma grande vantagem sobre os outros. Os outros vinham de ambientes muito mais confortáveis, e a maioria dos brasileiros vinha de ambientes muito pobres. Então, estavam acostumados a enfrentar a dureza do cotidiano, inclusive, pude perceber, na prática, que tinham mais habilidade, mais agilidade. Os outros vinham das cidades, tinham sido funcionários de escritórios, ou seja, tinham o seu ofício. Porém, o brasileiro estava acostumado a enfrentar dificuldades. Na realidade, saíram-se muito bem. Eu atribuo isso à capacidade de improvisação que tem o brasileiro. Os nordestinos chegam a São Paulo com uma capacidade de improvisação! Adaptam-se com uma facilidade espantosa e enfrentam situações adversas. Lembro-me de ter ouvido uma história sobre um grupo que estava em deslocamento com uma patrulha de infantaria, em conjunto com os americanos. Os soldados americanos iam deixando umas latas de carnes e sopas de que não gostavam. Os brasileiros pegavam cada uma dessas latinhas e misturavam com a própria ração, melhorando o jantar. Os americanos ficavam impressionados e perguntavam como se fazia para que aquilo ficasse tão bom e melhor.*

*Em outras palavras, o brasileiro era mais hábil, inclusive porque vinham de ambientes mais pobres. Geralmente, pessoas originárias de tais circunstâncias têm uma capacidade maior de improvisação. Eu estive recentemente em Portugal e lá vi como os africanos, através de sua habilidade, se adaptam às condições mais adversas como, por exemplo, o trabalho com o computador. Tal adaptação se dá de uma forma muito mais rápida.*

Mas a guerra ia chegando ao fim e a cada aldeia em que entrávamos éramos recebidos triunfalmente. Tivemos uma recepção triunfal da população italiana quando entramos no Vale do Pó, pois eles ficavam jogando flores nos caminhões que estavam nos transportando. Quando os carros paravam, a população vinha nos abraçar e gritava *Liberatori de Itália, viva, viva!* Depois ficamos um período aguardando a volta. Depois que isso aconteceu, também tivemos no Rio de Janeiro uma recepção triunfal. O povo realmente se mobilizou. Foi uma coisa impressionante. Já se sabe que, posteriormente, tiveram pressa em nos desmobilizar...

*E a paz? Também em surdina?*

*Ninguém dormiu naquela noite de dezessete para dezoito de julho. Logo após a primeira refeição, os praças puderam subir para a cobertura e viram um pedacinho do litoral fluminense. Depois, foi a entrada da barra, os canhões dos fortes atirando, barcos e navios indo ao encontro do transporte, apinhados de gente que agitava lençinhos no ar. O homem lá embaixo, na lancha a motor, gritando qualquer coisa que ninguém compreende. Será que conheço alguém naquela barca apinhada de gente? Impossível distinguir os rostos. As mocinhas de short, corpos morenos e esguios, aglomeradas num iate, agitam lençinhos coloridos... De longe, vem um bimbalar de sinos. As fortalezas atiram. Será possível? Como é bonita esta cidade, as montanhas, a neblina, diabo, uma perdição! Um nó pára na garganta. Tudo isso é para nós, será possível?*

*O soldado estava quase cego quando desceu a prancha do transporte. Um soldadinho magro, pálido, de bigodinho, igual a tantos outros ainda apinhados no navio. Não sentia o peso do saco A nas costas, nem via o que estava acontecendo na sua frente. Pressentiu confusamente que a multidão, contida por um cordão de policiais, examinava-o atentamente, sentiu centenas de olhos acompanhando-lhe os passos. Deixou o saco num caminhão e encaminhou-se com os companheiros para umas mesinhas colocadas no meio da rua. Mocinhas com ar assustado serviram-lhe frutas, mates e sanduíches. Ora, comer numa hora dessas! Tonto como estava, entornou o mate. A mocinha que servia recuou assustada. “Não tenha medo” – pôde ele apenas balbuciar. Esquisito dizer isso ao voltar à pátria. O soldadinho encolheu-se dentro do uniforme. A moça grã-fina tinha medo de sujar o vestido, nada mais natural.*

*Realizada em março/2005, aprovada em junho/2005*

### *Notas*

\* Antonio Pedro Tota é como assina seus trabalhos o professor Antonio Pedro, do Departamento de História da PUC-SP.

\*\* Doutor em História pela USP e professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campo Grande.

\*\*\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP.